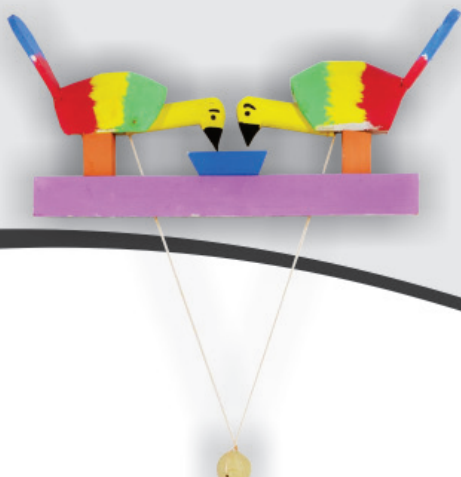




PAISAGEM DO ALTO RIO NEGRO: A ETNIA DESSANA

THE LANDSCAPE IN THE UPPER NEGRO RIVER:

THE DESANA ETHNICITY

Marcos Frederico Krüger (UEA)*

RESUMO

A mitologia da etnia dessana, do Alto Rio Negro, foi sistematizada no livro *Antes o mundo não existia*, produto do trabalho dos índios Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana, pai e filho, respectivamente. Abordaremos esse livro e sobre ele daremos algumas noções. Em tal obra, encontra-se o corpo mitológico dessana, dividido em narrativas referentes à cosmogonia, à etilogia e à escatologia. A cosmogonia dessana atribui o papel de demiurgo a Yebá buró, ou Avó do Mundo, o que permite relacionar esse mito a tempos anteriores à instalação do patriarcado. Ela teria se completado com a criação do homem, que veio em forma de enfeites, na barriga do Terceiro Trovão, um dos seres criados pelo demiurgo. O Trovão transformou-se numa cobra-canoa que, à medida que subia o Rio Negro, ia vomitando os enfeites e estabelecendo o lugar dos diversos povos rio-negrinos. Dentre as narrativas que se caracterizam como etiológicas, por darem a explicação para a origem de coisas do mundo, destaca-se a do surgimento da pupunha. O herói-civilizador, importante função mítica, é exercido por Gain pañan, um ser híbrido, mistura de homem e periquito. Para obter a pupunha (o bem) e destiná-la à humanidade, o herói passa por um caminho de provas, composto por obstáculos que tem de transpor. Com a ajuda de um auxiliar, sua própria mulher, consegue triunfar sobre todos, inclusive sobre o antagonista principal, seu sogro, a Cobra Grande. Há ainda o mito referente à criação da noite, uma variação de outras narrativas amazônicas. Nessa etilogia, a noite, necessária para que os homens pudessem dormir e procriar, foi maculada com o surgimento dos mais

ABSTRACT

*The mythology of the Desana ethnicity, from the Upper Negro River, was systematized in the book *Antes o mundo não existia*, by the Indians Firmiano Arantes Lana and Luiz Gomes Lana, father and son, respectively. In this paper we will analyze this work of literature and clarify some notions: the book brings the body of the Desana mythology, which is divided into narratives related to cosmogony, etiology and eschatology. Desana cosmogony assigns the role of the demiurge to Yebá buró, or the Grandmother of the World, which leads to the association of this myth with the period before the setting of patriarchy in their society. It is believed to be completed by the creation of Man, who emerged in the form of ornaments in the stomach of the Third Thunder, one of the creatures forged by the demiurge. The Thunder transformed itself into a snake-canoe, which would vomit the ornaments as it went up the Negro River, setting the location for the settlement of various rio-negrino peoples. Among the narratives characterized as etiological we can highlight the emergence of the peach palm (locally known as pupunha). Gain pañan, a hybrid mix of man and parakeet, is the civilizing-hero, which plays an important mythical role. In order to get the peach palm (the good) and deliver it to Mankind, he goes through a path of evidence, made of obstacles that he must overcome. With the help of an assistant, his own wife, he overcomes all of them, including his main antagonist, the Great Snake, his father-in-law. There is another myth, which is a variation of other Amazonian narratives and refers to*

* Doutor em Letras (PUC-Rio, 1997), mestrado em Letras (UFRJ, 1982). Professor da UFAM e UEA, exerce(u) suas atividades na graduação em Letras e em Programas de Pós Graduação. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, estudos literários, literatura regional, poesia e literatura brasileira.

diversos insetos porque alguém desobedeceu ao ritual pré-estabelecido e, como tal, a humanidade foi punida. Na mitologia dessana, foi Panlâmin, o ancestral desse povo, quem se encarregou de conseguir esse bem para a sua gente. Diferentemente do que se observa na tradição judaico-cristã, para os dessanas houve, no passado, três cataclismos. Como sói acontecer, a humanidade ressurgiu após o perecimento. Depois disso, o demiurgo resolveu que não haveria mais cataclismos. Entre os dessanas, a primeira escatologia (ou fim de mundo) aconteceu quando um grupo de púberes não obedeceu ao ritual de jejum imposto por Gueramun yé. Esse mito, além de ser escatológico, insere-se também entre as narrativas de Jurupari, herói-civilizador que instalou o patriarcado e que, sob diversos nomes e formas, aparece em mitologias de todo o mundo.

Palavras-chave: Etnia Dessana; Mitologia; Rio Negro.

the creation of the night. According to this tale, the night, necessary for men and women to sleep and procreate, has been maculated by someone who disobeyed the pre-established ritual, thus humanity was punished with the emergence of several types of nocturnal insects. In the Desana mythology, the ancestor of this people named Panlâmin seized this good to them. Differently from the Judeo-Christian tradition, for the Desanas there have been three cataclysms. As always, humanity has re-emerged after perishing. After this period, the demiurge decided that no more cataclysms would occur. Among the Desanas, the first eschatology (or end of the world) happened when a group of pubescent persons did not follow the fasting ritual imposed by Gueramun yé. This myth also belongs in the narratives of Jurupari, the civilizing-hero who set the patriarchy in that society and who is present under several names and forms in myths all around the world.

Key-words: Desana ethnicity; Mythology; Negro River.

RESUMEN

La mitología de la etnia Dessana, el Alto Río Negro, fue sistematizada en el libro Antes no existía el mundo, el producto del trabajo de los indios Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana padre e hijo, respectivamente. Es este libro que discutir y presentar algunas nociones. En este trabajo, se encuentra el Dessana mitológica cuerpo dividido, como siempre sucede en las narraciones relativas a la cosmogonía, las etiologías y las escatológicas. La cosmogonía Dessana asigna el papel del buró demiurgo yebã o la abuela del mundo, que permite relacionar este mito antes de los tiempos de instalación patriarcado. La cosmogonía, sin embargo, sólo si se completa con la creación del hombre, que vino en forma de adornos, en el vientre de la Tercera Trueno, uno de los seres creados por el demiurgo. El Thunder se convirtió en una serpiente-barco, mientras ellos iban por el río Negro, estaba vomitando las decoraciones y el establecimiento de la ubicación de varias personas fluviales negrinos. Entre los relatos que se caracterizan como etiológico, para dar la explicación para el origen de las cosas en el mundo, se destaca de la aparición de pejibaye. El héroe civilizador, la función mítica importante es ejercido por Panan ganancia, es una mezcla híbrida de hombre y perico. Para el pejibaye (bueno) y la orienten a la humanidad, el héroe pasa a través de un camino de pruebas, que consiste en

los obstáculos que tienen que incorporarse. Con la ayuda de un asistente, su propia esposa, puede triunfar sobre todo, incluso sobre el antagonista principal, su padre, la Gran Serpiente. También existe el mito sobre la creación de la Noche, una variación de otros relatos amazónicos. Esta etiología, Noche, requiere que los hombres podían dormir y procrear, se vio empañado con la aparición de los insectos más diversos. Eso es porque alguien desobedeció el ritual pre-establecido y, como tal, la humanidad fue castigada. En Dessana mitología, era Panlâmin, el antepasado de este pueblo, que se comprometieron a hacer esto bien para su pueblo. A diferencia de lo que se observa en la tradición judeo-cristiana, pues no había Dessanas últimos tres cataclismos. Como suele suceder, la humanidad volvió a surgir después de fallecer. Después de eso, el demiurgo decidió que no habría más cataclismos. Entre Dessanas, la primera escatología (o al final del mundo) ocurrió cuando un grupo de púberes no obedeció el ritual de ayuno impuesto por Gueramun yé. Este mito, además de ser escatológico, también se encuentra entre las narrativas de Jurupari, civilizar-héroe que instaló el patriarcado y que, bajo diversos nombres y formas, aparece en las mitologías de todo el mundo.

Palabras-clave: El Río Negro; Dessana mitología; relatos amazónicos; cosmogonía; la escatología.

A paisagem de que vou falar é a do Alto Rio Negro, com narrativas de uma das etnias que povoam aquela região: a etnia Dessana. Na região do Alto Rio Negro, há várias línguas. Inclusive, o município de São Gabriel da Cachoeira possui duas línguas oficiais e é o único município brasileiro a vivenciar essa condição: um idioma é o português e o outro o *nheengatu*, que é uma língua artificial criada pelos jesuítas. Mas há vários outros idiomas lá: o *baré*, o *baniwa*, o *pirá-tapuia*, o *tukano*, o *dessana*, o *tariana*. Todos usados pelos vários povos que se estabeleceram na região. E os nativos, em geral, são bilíngues ou trilingues e há indivíduos que falam seis, sete, oito, até nove línguas.

De todas aquelas etnias do Rio Negro, a que está extinta e historicamente foi a principal, é a etnia dos *manaus*, a qual gerou nome da capital do Amazonas. Com base em dados históricos, a etnia *manaus* foi a que se armou, comandada por *Ajuricaba*, contra os portugueses e a que moveu uma “guerra de guerrilhas” contra os lusitanos.

Assim, todos os povos do noroeste do Amazonas têm uma mitologia mais ou menos comum. Eles se consideram irmãos e não casam dentro de uma mesma tribo: os matrimônios são exógenos, ou seja, intertribais. Por isso, os homens se chamam de *cunhados*, pois não casam dentro de própria tribo de jeito nenhum: um *tukano*, por exemplo, pode casar com *dessana* ou com *tariana*, menos com mulher de sua etnia. Não há casamento somente com índia *macu*, pois essa etnia não faz parte desse círculo de casamento, devido os *macus* não vieram na barriga da *Cobra Grande*, um dos mitos de que eu vou falar. Os *macus* são de outra família linguística, desceram do Caribe e habitam não as margens dos rios, mas as florestas. São bastante discriminados na região, em virtude de não fazerem parte da cosmogonia rio-negrina.

A mitologia dos índios *dessanas* foi sistematizada num livro – Antes o mundo não existia – por um ancião da tribo, chamado *Umusĩ Pārōkumu*, e por seu filho, *Tōrāmũ Kēhĩri*. O nome que a eles receberam, em língua portuguesa, foi, respectivamente, Firmiano Arantes Lana e Luiz Gomes Lana. Dos dois, o filho é o único a falar português. O pai, como muitos indivíduos mais velhos, não fala. Entretanto, as novas gerações vão todas falar, principalmente por causa da presença da televisão.

Dessa forma, Firmiano, o pai, ditava para o filho a memória cultural da tribo e este a escrevia em ca-

dernos. Na primeira edição do livro, a orientação e a organização esteve a cargo da antropóloga Berta Ribeiro; na segunda edição, foi uma francesa que fazia pesquisas pelo Rio Negro quem assumiu essa atividade. Chamava-se Dominique Buchillet e deu à obra outra configuração e o acréscimo de novas narrativas.

As mitologias, verdade para povos de cada etnia, se dividem em mitos de criação ou mitos cosmogônicos, mitos etiológicos, dizem respeito à origem de coisas no mundo, e as escatologias, se referem a fins de mundo que irão acontecer ou que já aconteceram. Há semelhanças entre as mitologias dos povos do Rio Negro, como se observa se compararmos a dos *dessanas* com a dos *tarianas*. Mitologia essa, também, foi posteriormente publicada.

Dessa maneira, cada povo imagina a criação do mundo de um jeito próprio, a partir das próprias percepções, mas as estruturas, como provou Claude Lévi-Strauss, se repetem. Para os *dessanas*, o mundo foi criado a partir de uma divindade, em mitologia chamada *demiurgo*. Nesse caso, o criador do universo é uma divindade feminina. Para os *dessanas*, antes de tudo existia o *Nada*, e do *Nada* se originou uma velha chamada *Yebá Būró*. Junto com essa mulher surgiram seis coisas: um banco de quartzo branco, uma forquilha de segurar cigarro, uma cuia de *ipadu*, o suporte dessa cuia, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte dessa segunda cuia. O *demiurgo*, então, fumou o cigarro e a partir da fumaça o mundo se formou na forma de um balão.

Podemos perguntar, com excessiva mania de racionalização, de onde *Yebá Būró* surgiu. Isso não se sabe, como também não sabemos o que existia antes do Big Bang, por exemplo. É dessa forma que eles, os *dessanas*, contam a criação do mundo e isso é a verdade para os índios dessa etnia.

Portanto, quando um índio fuma (o fumo foi um hábito que o ocidental pegou dos indígenas), pratica um ritual em que recria o tempo primordial. Ele está recriando, digamos assim, a criação do mundo, quando a *Avó do Mundo* (*Yebá Būró*) fumou. Ao fumar, ele está repetindo o ato da cosmogonia.

É interessante observarmos que o *demiurgo* *dessana* é uma divindade feminina. Em outras civilizações,

em outros povos, a divindade é masculina. Podemos, pois, especular, que esse mito apareceu antes do surgimento do patriarcado, em que o mando passa a ser do homem, o qual se torna o chefe da família. Então, esse mito é do tempo do matrilineado (não do matriarcado, com cujo conceito não trabalhamos), em que a linha de sucessão era marcada pela mulher, até por que ainda não havia uma organização social com base na família.

O demiurgo, portanto, fez nascer o mundo, porém precisava dar sequência a ele. Para tanto, criou outros seres: cinco trovões. Encarregou-os de darem prosseguimento à criação e estabeleceu-os em cinco casas localizadas em pontos diversos. Fugindo ao propósito para o qual foram criados, eles nada fizeram. Passavam o dia na rede e, sendo assim, o mundo não teria seguimento e iria regredir e voltar ao zero, ao caos primordial. Yebá Búró criou, por esse motivo, outro ser, chamado *Uməkösürāpanami* (que significa Bisneto do Mundo) ou Yebá Gõãmũ (Demiurgo da Terra). Criou-o soprando a fumaça de cigarro e isso nos remete àquilo para o qual Lévi-Strauss já chamou a atenção: o ato de expelir é positivo, ao passo que o de sugar é negativo.

Assim, a Avó do Mundo criou esse outro ser, que foi à casa do Terceiro Trovão. Quando chegou lá, Yebá Gõãmũ já estava duplicado em outro ser: Boreka, que se tornaria o ancestral dos dessanas. A questão dos duplos aparece muito na literatura e, como estamos vendo, ainda na mitologia. Esse mito não explica ou racionaliza a duplicação do primeiro ser. Se houve explicação, ela se perdeu.

Desse modo, o Terceiro Trovão impôs aos duplos um ritual: deu a eles uns enfeites, o qual ambos teriam de engolir e vomitar em determinada hora e em tal local na beira do rio. Como eles cumpriram o ritual satisfatoriamente, o mundo pôde prosseguir. Esse episódio mostra a ligação do mito com o rito, já que sempre há um rito a ilustrar um mito.

Como os dois obedeceram às orientações do Terceiro Trovão, mostraram-se aptos a criar a humanidade. Na sequência, o Trovão se transformou numa Cobra Grande. Esse animal pertence, também, ao imaginário da população que constitui outro tipo de status social da Amazônia, os caboclos ribeirinhos, embora, em tal segmento populacional, surja noutra concepção. O Trovão, pois, se transformou numa cobra-canoa muito grande

e engoliu os enfeites. Na proa, ia o primeiro ser criado pelo demiurgo, que é Yebá Gõãmũ; no meio da embarcação, ia o seu duplo, Boreka. Como Gõãmũ ia na proa e é o ancestral dos tukanos, essa etnia é considerada a principal do Alto Rio Negro; a segunda etnia é a dessana, porque Boreka ia no meio da cobra-canoa. As demais tribos não têm o status que possuem essas duas.

À medida que a Cobra ia subindo o rio, após sair do mar de leite (alusão provável ao oceano), parava em determinados locais e ali vomitava alguns enfeites dentre os que carregava. De cada vez que vomitava, surgia uma etnia.

Depois de criado o mundo, Yebá Búró se ausentou do processo: ela se tornou aquilo que os mitólogos chamam de “deus ocioso”. Essa ausência do processo é muito comum. No candomblé, por exemplo, Obatalá, depois de completar a cosmogonia, criou Olorum, que levou o mundo à frente. O deus primordial se ausentou e se tornou um “deus ocioso”. Yebá Búró, o demiurgo dessana, em tal condição, ficou na camada inferior da esfera que era o mundo. Os duplos, Yebá Gõãmũ e Boreka, é que completaram a tarefa. A cosmogonia, como se percebe, somente, se completa com a antropogênese. As demais etnias da calha do rio Negro repetem essa mesma história, com pequenas variações. Em algumas delas, falta a realização de uma pesquisa que preserve a sua memória ancestral. Como eles não a escrevem, isso se perderá. Inclusive, em Manaus, há muitos indígenas que têm vergonha de falar seu próprio idioma, com medo das represálias. Nas escolas, crianças indígenas podem sofrer bullying, por causa de sua origem.

Depois da cosmogonia, vêm as etiologias ou mitos de origem. Na mitologia dessana, há várias etiologias: a origem da noite, da pupunha, etc. Aproveitando um tópico da palestra anterior, refiro-me a uma etiologia utilizada por Mário de Andrade em Macunaíma. Trata-se da explicação para o fato de a face da Lua estar cheia de manchas. Qual o motivo? Porque foi o “herói sem nenhum caráter”, o qual saiu dando murros na Boiúna Luna, que se transformara em nosso satélite. As etiologias, de certa forma, complementam a cosmogonia: só com elas o mundo se tornou do jeito que é. Mas as etiologias, tal como as escatologias, não são o nosso foco expositivo.